



CAPA

Carlos Vergara, 1941, *Boca de Forno*, 1989–1992/93,
Monotipia sobre lona crua, 185 × 268 cm. Ateliê Carlos Vergara, Coleção Nara Roesler. Foto: Acervo do artista

Terras e paletas brasileiras - dossiê Colóquio Minas Gerais

Camila Moreira (UFMG-Brasil)¹

Jociele Lampert (UDESC-Brasil)²

Marco Giannotti (ECA-USP-Brasil)³

– Tenho estes pigmentos aqui no ateliê, você vai ver. Colhi quando eu consegui entrar na Vale do Rio Doce. A primeira parte da mina de ferro é pigmento, que é rejeitada, por conta da escala da produção da mineradora. Eles não têm como classificar e jogar fora separadamente, o que seria ótimo para nós artistas. Acho inclusive que tem uma certa bobagem, um desperdício, porque poderia ser feita uma palheta brasileira. Vou te mostrar, eu fiz uns lápis de cor com pigmento que se chama uma palheta brasileira.

Carlos Vergara (ARS, ano 12, n. 23)

Neste dossiê temático, convidamos artistas, professores e investigadores/pesquisadores a publicar seus textos na Revista Palíndromo do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina - Brasil, para consolidar suas reflexões acerca do tema **Terras e paletas brasileiras**. Parte dessa chamada também

1 Professor associado do Departamento de Teoria e História da Arte e do Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Link para Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7324327996376435>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4259-5597>. E-mail: alexandre.ragazzi@uerj.br.

2 Professor associado do Departamento de Teoria e História da Arte e do Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Link para Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7324327996376435>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4259-5597>. E-mail: alexandre.ragazzi@uerj.br.

3 Professor associado do Departamento de Teoria e História da Arte e do Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Link para Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7324327996376435>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4259-5597>. E-mail: alexandre.ragazzi@uerj.br.

acolheu textos com reflexões a partir do Colóquio SOBRE A COR - À PROPOS DE LA COULEUR I ABOUT COLOR - Colóquio Internacional I *Colloque Internationale*, que foi realizado em março de 2026, na Escola de Belas Artes - Universidade Federal de Minas Gerais. O colóquio foi uma articulação entre as universidades UFMG, a ECA - USP e a UDESC, em um desafio que reuniu pesquisa, ensino e extensão no contexto acadêmico das instituições brasileiras, além de contribuições de outras instituições sobre o estudo da COR nas artes visuais. A proposta do colóquio visou somar-se a esta chamada para publicação, tornando-se um convite aos interessados a refletir sobre o tema de nosso interesse: a cor presente nas terras brasileiras.

A cor como objeto de estudo estruturado no Brasil é ainda pouco difundida no contexto acadêmico e compreender o fenômeno cromático hoje implica em considerarmos suas dimensões políticas, artísticas, discursivas e educativas. É parte indissociável do mundo, da natureza, da arquitetura, de tudo o que nos circunda no dia a dia. Sua percepção não ocorre de modo fixo, ela traz marcas de cada época e de contextos socio-culturais, bem como, das revoluções tecnológicas.

Neste sentido, as reflexões sobre a cor remetem o olhar ao tempo e ao espaço, ao corpo da cor no sentido físico ou químico, bem como, apresentam discussões acerca do território da linguagem e da técnica. A ideia de transcendência e imanência da cor, que cria um espaço imaginário em contraponto ao espaço concreto e terreno, agrega ao contexto destas investigações um amplo universo de possibilidades para os estudos visuais.

Assim, nos questionamos: e se *tudo o que vemos não fosse real, apenas corpos, formas, de cores cinzas e pretas, ou sem cor?* Como podemos pensar nossa sociedade contemporânea, tão exacerbada por imagens, tecnologias digitais, corpos virtuais e realidades imaginárias, sem as cores? *A cor é um lugar* onde as realidades se encontram com nossa consciência em contraponto à materialidade do mundo.

Refletir, narrar, discutir, pesquisar, analisar e contemplar a cor e suas inúmeras possibilidades interdisciplinares norteiam este volume temático. Como suas definições e adjacências podem compor, dentro de uma realidade, uma linguagem plausível, que traga investigações no contexto contemporâneo?

As transformações tecnológicas mudaram radicalmente o processo de fabricação de tintas e impressão, criando novas cores. O pigmento extraído da terra é fabricado até transformar-se em um tubo de tinta, que ao ser transposto para uma pintura, e então, ser fotografado, pode aparecer como um conjunto de pixels nas novas vertentes tecnológicas contemporâneas.

Diante de tantas questões, propomos a reflexão sobre a cor na sua singularidade brasileira. O Brasil, que traz consigo a cor do pau Brasil desde a colônia, trouxe por exemplo, de maneira concomitante ao mundo ocidental, a riqueza da cerâmica marajoara dos povos originários. Ao longo de sua história, nosso país recebeu várias missões com suas culturas e paletas específicas. Ao mesmo tempo, a escravidão e a imigração também fizeram parte da nossa cultura material e visual, ao somar às nossas raízes, cores e culturas de povos que aqui chegaram.

Nesse sentido, a chamada “**Terras e paletas brasileiras**” apresentou como fio norteador a escrita dos seguintes temas, que foram conduzidos e ampliados pelos autores:

Como podemos pensar a cor e suas tecnologias no contexto contemporâneo?

A cor, a história da cor e suas aplicações ainda são temas de discussão entre artistas e pesquisadores. Como se inscrevem na história suas transdisciplinaridades e particularidades face ao sincretismo cromático?

Como podemos falar da cor na pintura, no desenho, na gravura, no ensino de artes visuais sob a ótica das novas tecnologias?

cor-tempo, cor-memória, cor-luz, cor-matéria, cor-corpo, cor-discurso, cor como linguagem e como técnica. Cor como pensamento.

A chamada para este dossiê é o ponto central para a articulação entre Instituições de Ensino Superior que se unem em torno da excelência no campo das artes visuais, seja na formação de artistas, seja na de professores. Desta forma, articulam-se investigações, grupos de pesquisa (Grupo de Estudos Cromáticos e Cor e Tempo, registrados no CNPQ) e projetos de extensão na Universidade. Convidamos os leitores a somarem seus olhares e sua atenção às pesquisas que certamente contribuirão para a continuidade do ensino da cor na Universidade e fora dela.

A edição *Terras e Palhetas Brasileiras* nasce do 1º Colóquio Internacional sobre a cor, realizado em março de 2026 na UFMG. O encontro foi marcado pela diversidade de experiências, tendo ocorrido para além do auditório e das palestras, mas compreendendo também a pesquisa de campo no sítio arqueológico Sucupira, e no Instituto Inhotim.

Os participantes do colóquio, ao realizarem as viagens como uma experiência estética, foram motivados a contrapor um estudo teórico acadêmico a uma experiência fenomenológica inédita para eles. Talvez daí advenha um certo frescor de descoberta que se note em alguns artigos.

Nesta edição, integrantes do grupo *Cor e Tempo* do Departamento de Artes Plásticas da USP apresentaram 3 artigos: Anabel Antinori busca questionar como um pintor pode trabalhar as sensações cromáticas de uma localidade sobre uma superfície pictórica e suas implicações para o processo criativo, interrogando os limites entre experiência, memória e tradução. O enfoque recai sobre as terras brasileiras e os cromatismos advindos de biomas híbridos, partindo da concepção de que a terra não é algo inerte, mas está em circulação constante na atmosfera. Moracy Amaral Almeida realiza uma pesquisa historiográfica das cores da terra, a partir do cruzamento entre os tratados de Filipe Nunes (*A Arte da Pintura*, 1615), Plínio, o Velho (*História Natural*, 77 d.C.) e Vitruvius (*Os dez livros de arquitetura*, séc. I a.C.), através da identificação e transcrição de verbetes das cores, relacioná-los com as práticas artísticas na fabri-

cação de pigmentos de terras e seus desdobramentos em pinturas. Em seu artigo, o artista descreve minuciosamente o processo de queima de pigmentos que produzem transformações cromáticas impressionantes. Jean Smekatz, por sua vez, investiga a dimensão material da cor na pintura contemporânea a partir de pigmentos naturais de origem brasileira, especialmente os óxidos de ferro extraídos do Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais. Articulando a entrevista concedida por Carlos Vergara a Fabíola Salles Mariano (2013), o histórico industrial da empresa Óxido de Ferro Rio Acima e o catálogo de tintas artesanais da Joules & Joules, o texto propõe uma compreensão ampliada da cor como campo em que se entrelaçam processos geológicos, históricos, industriais e afetivos. A partir da visita à mineradora realizada em março de 2026, discute-se a transição do pigmento como acontecimento — instável, ritual, afetivo — para o pigmento como protocolo industrial, sem que essa transformação elimine a potência da matéria. O monocromo é reconfigurado como um campo de condensação temporal, capaz de articular simultaneamente a escala geológica da terra, a memória familiar e o gesto pictórico presente. Neste volume ainda consta um ensaio visual com obras do artista e professor Marco Giannotti intitulado *Terras Minas* a partir de suas pinturas recentes e um poema de Carlos Drummond de Andrade no poema “A palavra Minas” onde o poeta delineia o estado através de suas palavras, descrevendo a paisagem e a geografia com detalhes e exaltando Minas Gerais, expondo seu sentimento diante da paisagem e da geografia com detalhes.

Neste volume, integrantes do grupo de pesquisa NEDEC - EBA UFMG visam correlacionar a cor e o estudo da cor frente a um hibridismo de linguagens na contemporaneidade. A artista Camila Moreira propõe uma análise da cor no contexto contemporâneo onde matéria, memória, imagem e tecnologia são as vertentes narrativas que irão permear o discurso. Qual seria a cor de um tempo, de uma sociedade ou de uma época? Pedro Prates Romero descreve a interação cromática como reflexão e

diálogo em busca de uma “paleta brasileira onde o preto e o vermelho articulam suas pesquisas com autores como Goethe, Merleau-Ponty, Deleuze, Wittgenstein, Gage e Albers .

Integrando também esse volume como representantes do grupo de pesquisa NUPPE - UFU, os artistas e pesquisadores Ana Helena Delfino Duarte e Rodrigo Freitas propõe uma análise da cor como construção da paisagem à partir de práticas desenvolvidas sob a articulação ensino, produção em arte e investigação acadêmica no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Pintura e Ensino (NUPPE), da Universidade Federal de Uberlândia. Maria José Boaventura apresenta como discurso em seu texto o uso de pigmento natural mineral como materialidade pictórica à partir de uma pesquisa desenvolvida na paisagem da zona rural de Formiga, MG. O estudo parte da coleta de materiais minerais para o preparo de tintas naturais, compreendendo o pigmento como presença do corpo da cor e elemento constitutivo da prática artística, segundo a autora.

Neste volume a UDESC, apresenta consonância sobre o ensino da cor e os processos pictóricos no contexto das ações vinculadas ao Grupo de Pesquisa Entre Paisagens, bem como, ao Programa Permanente de Extensão Universitária Estúdio de Pintura Apotheke, onde mesclam-se o conceitos de artistas como professores e professores como artistas. Fabrício Garcia apresenta seis análises cromáticas sobre a percepção visual da cor denominada laranja de cádmio. Destes, quatro são compostas pelo pigmento PO20, uma pelo PO43 e outra pelo PY1 e PR10. A partir da investigação artística, este estudo objetivou aprofundar um olhar sobre a forma em que observamos essa cor. Com base nos resultados obtidos, é apresentado ao final um sistema em forma de gráfico, denominado de Relógio Cromático, criado para auxiliar no ensino e compreensão das variações de matiz encontradas nas amostras. Já a artista e professora da UFPR, Carla Beatriz Franco Ruschmann, no âmbito de seu pós-doutoramento na UDESC, parte de estudos cromáticos digitais realizados a partir de partes, cor-corpo, trabalhando recriação cromática e física de

um dos estudos de transparência e densidade da cor proposto por Josef Albers no livro *A Interação da Cor* (1963). Neste ensaio, a obra Albers 25 serve de estrutura para a construção de um novo corpo-cor, desmembrável e reconstruível.

Ainda sobre a transformação mágica do pigmentos às tintas, esta edição apresenta uma entrevista com os proprietários da marca de tintas Joules & Joules que estão revolucionando o mercado brasileiro com tintas de alta qualidade e custo acessível. A entrevista foi realizada com Rafael Carneiro, Bruno Danley e Daniel Xavier da empresa Joules & Joules, uma marca brasileira que produz tintas artesanais e desenvolve pesquisas sobre este material em conjunto a artistas, físicos e químicos. Na entrevista, é abordada a produção artesanal de tinta com pigmentos terrosos do solo brasileiro, uma iniciativa recente da empresa, apontando os processos de produção e os impactos desta pesquisa nos processos artísticos dos entrevistados.

Para além, convidados a leitura para o artigo da artista e professora Paloma Carvalho (UERJ), que faz uma leitura da obra de Amélia Toledo tendo como referência teórica a abordagem dos materiais pela Antropologia Ecológica de Tim Ingold, que permite pensar materiais como processos, fluxos e emaranhados, não como objetos passivos e até mesmo um senso cósmico como colocado por Mário Schenberg, em que vidas não orgânicas incorporadas aos ciclos da Terra em diferentes temporalidades e atividades geológicas se aplica à escolha de rochas brasileiras como material das suas obras públicas da maturidade; onde ocorre de fato a superação do objeto, não mais associado ao espaço da arquitetura, como nascera o conceito de instalação, mas à vida do território (os entrelaçamentos que ocorrem na experiência ambiental).

Nesta perspectiva, Marcelo Eugenio Soares Pereira e a artista e professora Karine Perez da UFSM, apresentam reflexão a respeito da utilização da cor em um processo artístico e suas implicações formais e subjetivas. Para isso, toma-se como exemplo um conjunto de pinturas autorais

em aquarela, no qual o motivo mitológico de Apolo e Dafne se repete, enquanto as dimensões e as cores modificam-se, a cada nova pintura. Tendo em vista o seu caráter transversal, este estudo articula referenciais das Artes Visuais, como Ades (2013), Baxandall (1991) e Manguel (2015), e da Psicologia, tanto autores clássicos como Freud (2018) e Jung (2014), quanto pesquisadores atuais, tais como König et al. (2017). No volume também consta o artigo Terra matéria: considerações sobre a cultura no processo de criação artística, de Claudete Luginieski e Renato Torres, da UNESPAR.

O artista e professor Fábio Wosniak (UNIFAP) discute práticas cromáticas produzidas com matérias vegetais amazônicas, mostrando como a interação entre experimentação laboratorial, transformações químicas e perspectivas estéticas decoloniais revela um campo sensível que vai além da visão. A instabilidade dos pigmentos, longe de ser uma falha técnica, torna-se uma chave de leitura e propõe outras formas de perceber e de transmitir conhecimento. Nesse movimento, a cor se afirma como agente epistêmico e relacional, convidando a imaginar paletas que acolham múltiplas sensibilidades e cosmopercepções.

A artista Júnia Penna apresenta uma reflexão crítica e poética sobre a abordagem do preto como cor na arte, compreendendo-o não apenas como ausência de luz ou como elemento associado à sombra, mas como uma cor dotada de qualidades expressivas próprias. Tendo como ponto de partida um conjunto de obras de diferentes linguagens artísticas e contextos históricos, nas quais o preto atua como elemento gerador de conteúdo, busca-se investigar como suas variações materiais, perceptivas e simbólicas podem engendrar distintos significados e experiências.

Convidamos todos à leitura deste dossiê que apresenta a cor das terras brasileiras no contexto contemporâneo da arte.

Equipe editorial